

Garrett no jornalismo

Ernesto Rodrigues

CONFIGURAR ALMEIDA GARRETT *no* JORNALISMO significa restringir-me à sua presença, literária e civil, na Imprensa do tempo – mas evitando o seu protagonismo *enquanto* jornalista. «Garrett, jornalista»¹ exige novas investigações, no âmbito da Imprensa literária e política do século XIX, que no-lo dêem fundador, redactor e colaborador, servindo-se, também, das folhas como primeiro estúdio de escrita mais apurada em livro.

Agora, cumpre vê-lo no torvelinho de algumas reacções, pouco ou nada conhecidas, à própria obra (anónimas, consideramos não serem de sua lavra; pois, de outro modo, integrariam aquele apartado); nos elogios e apoios, mas igualmente nas reservas e ataques que lhe tributam, embora o legislador e parlamentar, alvo destes, se não justifique aqui. É fundamental, entretanto, marginalizar esta linha, a do «pamphlet político»², como leitura transversal à obra garrettiana, cujo pioneirismo será esparsamente declarado. «A prole de Garrett», mormente a descendência das *Viagens na Minha Terra*, está longe de se reunir. José Osório de Oliveira, que tem aquele título como aditamento a *O Romance do Romancista*³, esquece a primeira geração: António Pedro Lopes de Mendonça; o Júlio César Machado viageiro e de *A Vida em Lisboa* (1857-1858); um evidente António Augusto Teixeira de Vasconcelos, já em *Viagens na Terra Alheia* (1863) ou na que empreendem as personagens de *A Ermida de Castromino* (1870). José Saramago, antes de *Viagem a Portugal* (1981), mostrara em breve crónica preferir, à Joanhinha dos Olhos Verdes, «*exactamente a viagem – a crónica*»⁴. Na apreensão do processo, digressivo, intermediaria José Gomes Ferreira, com *O Mundo dos Outros. Histórias e Vagabundagens* (1950)⁵. Linhagem, pois, a congregar. Aos confrontos entre elmanistas e filintistas – Garrett, chefe de fila destes – assiste larga cópia de fontes na Imprensa, que já verbetei⁶. Enfim, os títulos em que entra o nome *Garrett* são prova acabada de uma recepção calo-

O Portuguez, Diário Político, Literário e Commercial. Primeira página do número 1. Lisboa, 20 de Outubro de 1826. Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Fotografia de Isabel Rochinha.



rosa, cujo balanço vem sendo pontuado⁷.

Quando, em Julho de 1939, em apêndice ao n.º 11 d'*O Biógrafo*, se dá Prospecto (quatro páginas, assinado pel'Os Editores, Lisboa, 20-iv-1839) anunciando as «Obras de J. B. de Almeida Garrett», têm estes o cuidado (ou o Autor por eles, como se decidiu, ao incluí-lo nos escritos completos), de invocar os cumprimentos dirigidos ao Autor no *Portugal Illustrated* (Londres, 1828) e em *The Foreign Quarterly Review* (Londres, 1828, 1831, 1832)⁸. Com ele, nasce esta moda portuguesa de nos socorremos da opinião estrangeira – inclusive, da Imprensa da emigração, o que se compreende em eras pos-

critas – para valorizar produto nacional. Veja-se limiar «na segunda edição» de *Camões* (30-IX-1839).

Inaugura-se, também, uma espécie de *marketing* literário, em que o redactor é o primeiro interessado. Camilo será igualmente exímio neste exercício, apesar de nunca arriscar que «muitos mil exemplares se têm esgotado», nem invocar, a torto e direito, «amigos do A. [Autor]». A frágil condição de escritor, face aos baixos níveis de leitura e às contrafacções brasileiras, requer uma diligência pessoal, de que lucrará a própria indústria nacional. Ter lutado por que os herdeiros detenham os direitos autorais por 30 anos, segundo decreto de 8 de Julho de 1851, foi antecipar modernas codificações, envenenando embora as relações com Herculano. Considerava este que «Uma lei de recompensas nacionais seria a verdadeira lei protectora dos trabalhos da intelligencia»⁹, o que reconduz a imagens diversas da entrega e gesto literários.

Se, nesta vigilância, o Autor cita louvores e não escamoteia censuras, estas sob forma preferencialmente alusiva, o panegirista tende a corroborar aquele movimento, em alguns casos por indução autoral, decerto. Visa-se leitor-consumidor, quando jornalismo e literatura se conjugam num propósito também empresarial e, mesmo, industrial. Escreve F. Gomes de Amorim (*op. cit.*, p. 361): «Quando os dois poemas [«Camoës» e «D. Branca»] se publicaram foram acolhidos com vivo entusiasmo pela maioria das pessoas que estavam em circumstancias de poder julgá-los. Mas nem todos lhe avaliaram desde logo o alcance». Em nota, lá vem caução do «estrangeiro distinto»: «A primeira apreciação que se fez do Camões foi devida á penna de um estrangeiro distinto, Urcullú. Saiu no jornal Ocios de españoles emigrados, Londres, 1825, n.º 17, agosto, fl. 113».

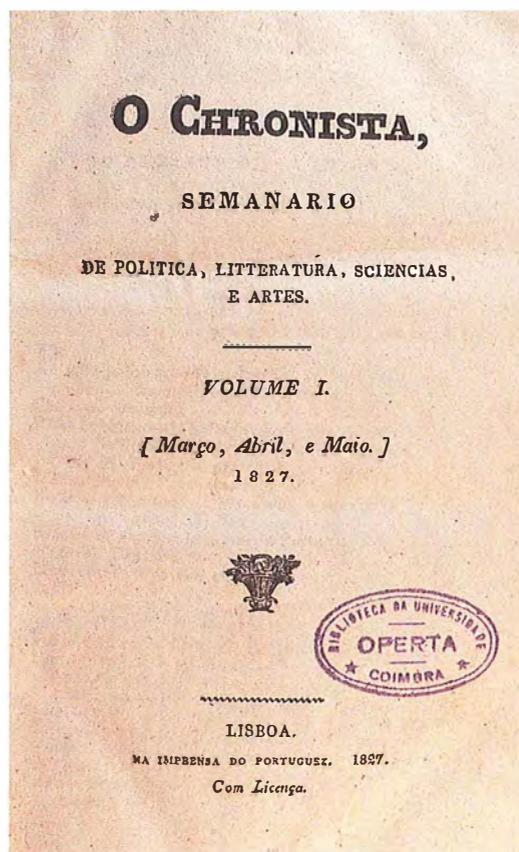
Ora, contra esta informação, que Amorim bebera certamente do Mestre, parece jogar a

secção «Publicações Litterarias» do «Jornal político, litterario e commercial» *O Popular*¹⁰, cujo n.º 9 («Camoens», vol. II, Junho de 1825, pp. 337-338) reza, gralhado:

«Tambem impresso em París n'este mesmo anno temos o Poema Portuguez intitulado Camoens – He a representação dos ultimos dias do infeliz e immortal Autor dos Lusíadas. O novo Poeta que se julga ter já muitos annos, ao menos para largar a Poesia, segundo se colhe da sua ultima nota, conta sómente 25 annos [de facto, 26], e nós admiramos como elle tem já tão grande massa de ideas poeticas e tanta familiaridade com os sentimentos da alta gloria. Nós julgamos que elle ganharia infinito se esrevesse [sic] mais tarde, ainda que perdessemos o prazer que já recebemos com a leitura do seu Poema. A mocidade vai d'impito por cima de todas as considerações, tem certos caprichos que a observação lhe faz depois emendar, dá importancia a tudo o que o fogo da imaginação lhe apresenta, e deseja sempre parecer velha as vezes tanto ou mais que o mesmo Camoens. Nós pediremos algumas cousas ao nobre Poeta depois de o vermos determinado a continuar huma carreira tão brilhantemente começada. Esperamos que elle dê o mesmo valor a estas juras, que dão às suas os naufragados, e que huma irritação momentanea não seja hum protesto solemne».

Assim, sibilina, esta nótula de jornal, em que Garrett colabora, diz muito sobre as relações tensas na emigração – e nada, claro, sobre o Poema em si¹¹, ou sobre «carreira», afinal, mais antiga. Extraímos daqui outra lição, que a alma d'O Toucador conhecia desde 1822: não haverá, em seus dias, literatura ou «periódico sem política», como este se apresentava.

Na volta, lançar-se-á a dois títulos que bem o demonstram: *O Portuguez* (1826) e *O Chronista* (1827). Mas, no tocante à literatura, e



O Chronista, Semanário de Política, Litteratura, Sciencias, e Artes. Volume I (Março, Abril e Maio), 1827. Lisboa, Imprensa do Portuguez, 1827. Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Fotografia de Isabel Rochinha.

demonstração cabal de que só há falsos ingénuos, percebê-lo-á melhor – não foi ele o grande provocador? – quando vir suspenso, na véspera da estreia, pelo empresário do Teatro dos Condes, *O Alfageme de Santarém*, tido por «uma sátira aos ultimos acontecimentos politicos de Portugal»¹²; ou ler «Advertencia» d'A Redacção que precede o capítulo v das *Viagens...* na mesma *Revista Universal Lisbonense* (n.º 14, 23-XI-1843, p. 163): «É a VIAGEM NA MINHA TERRA obra politica e partidaria para deverem estranhar o vel-a em nossa folha?».

Um Castilho anónimo, «candidamente», dá a sua opinião – e a coisa passa como literatura –, mas, após o capítulo vi, sem «(Continuar-se-há.)», o artigo «Lei da Imprensa./Breve nota ao capítulo

Sá da Bandeira, José Estevão, Rodrigo da Fonseca, Almeida Garrett, Alexandre Herculano e Passos Manuel são alguns dos retratados neste quadro dos fundadores do Grémio Literário da autoria de Luis Pinto Coelho, 1967. Grémio Literário de Lisboa. Fotografia de Laura Castro Caldas e Paulo Cintra.

precedente» não é menos sibilino acerca *«dos graças políticos do Sr: Garrett»* (7-XII-1843, p. 188), caindo na licenciosidade que lei, apesar de insuficiente, visa reprimir... Desobrigá-lo das relações que literatura, jornalismo e política na sua obra, e nas considerações sobre ela, alimentaram, é o

mesmo que – Garrett pretendeu-o, enquanto se autobiografava sem assinatura – rasurar opiniões díspares e molestas a seu respeito, de grandeza, porém, entoada na generalidade das capelas literárias: *«O sr: Garrett é um grande poeta, excelente prosador; largamente versado nos negócios publi-*



22-7-1843

M. e L. Almeida

Hoje me demunido o Conte da Briga, com o seu filho, muito enoçados apontamentos da sua peregrinação a Santarém. Lembro em o maior compêndio que se pôde imaginar em ensaio na Revista esse itinerário ou parte d'elle: e d'isto, fallando com franqueza, não só pelo merecimento da coisa, mas tambem pelo nome do author. Já me fallou sobre tres summeos para collocarmos este segundo volume do jornal; e crecho do elle, ha de se imprimir o prospecto tendo no reverso o catalogo dos authors, que n'este colligaram. Todos os bons nomes da nossa litteratura já se está, e alguns com muita obia como o Thesaurus; mas falta o de V. Exa., e esta falta é irreparavel. Depois de ter apparecido no 1.º volume, não se achou no 2.º senão uma idéa muito falsa e para mim muito pouco historica: farias escrí que V. Exa. havia cessado, ou de me favorecer com a sua amizade, ou de ter este jornal em boa conta. Rogo pois e supplico instantemente

1843

Julho. Agosto

Anto F. de Castilho
R. de Junho

a V. Exa., de bom respeito do meu respeito, e do de breve. Se a commissão a Saudades de não poder aprumtar a tempo de poder começar a apparecer n'este volume, pecha qualquer outra coisa; duas linhas e o nome de V. Exa. bastam-me por agora; mas repito as taes improvisações de viagens seriam o meu maior compêndio.

J. C. Almeida e L. Almeida, no
Collegio dos Nobres, n.º 17.
R. de Junho de 1843.

De V. Exa.

Administrador Augusto e Criado

Antonio Feliciano de Castilho.

cos, orador distinctissimo, magistrado probo, e um perfeito cavalheiro: teve porém a desgraça de nascer em Portugal, [...]»¹³.

Antes, fora dito «conhecido em todo o mundo», com obras «traduzidas em varias linguas da Europa, e da America»; ou, em 23 de Maio (vol. II, n.º IV, p. 30), «um dos nossos melhores poetas modernos, e talvez o primeiro d'elles», citando-se, no entretempo, versos do Canto I de *Camões*, cuja quarta edição (1854), ainda em vida do Autor, marca um destino – e, convenhamos, um desígnio, de que Pessoa também quis apropriar-se.

A coimbrã *Revista Academica / Jornal Litte-*

ria e Scientifico percebe, com Perini (1-V-1845, p. 60), ser Frei Luís de Sousa «um drama modello que desde já pôde considerar-se como um monumento de gloria nacional», o que inspirará outro artigo de Silva Leal (1-IX-1845, pp. 189-191). A caravana passava, mas muitos haviam ladrado nos bastidores.

Afora os por si fundados ou colaboradores, no palco do teatro, Garrett ora se encenava pela ausência em curiosa *Atalaia Nacional dos Theatros* – que, além de embandeirar com *Um Auto de Gil Vicente*, em 16 e 19-VIII-1838, é violentamente anti-castiliano e anti-herculiano –, ora sofria surda contestação de actores, ou seus porta-

Carta de António Feliciano de Castilho a Almeida Garrett, manifestando o interesse em incluir na revista o itinerário da «... sua peregrinação a Santarém. [...] não só pelo merecimento da coisa, mas também pelo nome do autor. [...] Todos os bons nomes da nossa litteratura já cá estão [...], mas falta o de V. Exa., e esta falta é irreparavel» Lisboa, 22 de Julho de 1843. Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Fotografia de Isabel Rochinha.

-vozes, irritados com já poderoso burocrata. *O Mercúrio Lisbonense*, luxuosamente anti-garretti-ano, não está com mais aquelas (n.º 7, 29-XI-1836, p. 27): «Assegura-se que vamos ficar sem *Theatro Portuguez na Capital*, porque em virtude da nomeação do Sr. Garret [sic] para Administrador dos *Theatros*, querem os Actores ir para o Brasil».

Desde 1836, *O Artilheiro* portuense, mas, sobretudo, *O Barbeiro* (n.º 11, 14-II-1837, p. 57), citando *O Correio* (ambos em Lisboa), vão de mãos dadas contra a acumulação de cargos por alguém que, moralmente, resulta abafador de «*uma menina filha da Sr.ª... Se até agora o dito Sr. era só conhecido por impostor, por trovador, e periodiqueiro, de genio turbulento, hoje o consideramos um verdadeiro heroe, digno do Panteon de Bouças*». Referiam-se, naturalmente, à relação com Adelaide Pastor.

O Periodico dos Pobres no Porto acrescenta ao grotesco, não desculpando picardias do patriótico: burlesca correspondente, a Tia Theresa de Espera em Deos, diz ao Barbeiro do empenho de Garret para que o hábito de Cristo seja usado no palco do Nacional (28-II-1839). Meses antes, certo Compadre de Lisboa remetera carta a propósito das eleições:

«*Outra miseria é a do Sr. Garrett, que n'esta lista apparece como jurisconsulto! E então quem? O Sr. Garrett, que disse publicamente que, depois que sahira de Coimbra, não abrira mais um livro de Jurisprudência!!! Este illustre varão, Inspector Geral dos Theatros e Juiz do Tribunal do Commercio, por graça do Manoel Sendeiro [Passos Manuel], esquentou-se nos seios d'alma, como ser incluído Deputado na lista Ministerial; S. Ex.ª queria e provou que devia ser Senador; não só por possuir todos os trastes velhos da Feira da Ladra, mas por ter sido Ministro junto do Rei Leopoldo! por ter sido despachado Enviado para a Divina Marca; e ultimamente estar nomeado no mesmo*

caracter para Madrid, para onde não irá, em quanto Deos, nosso Senhor conservar a preciosa vida do Sr. Manoel de Castro Pereira, agente ordeiro nas Provincias do Norte».

É, todavia, apurado por maioria absoluta (2141 votos), como informa o resignado diário no dia 10 de Setembro.

Também *O Athleta* portuense (n.º 101, 4-V-1839) farpeará amiúde «O Maganão do Garret», o «Luso Demóstenes»...

Mas, pese esta agitação só indirectamente literária, a dramaturgia e seu labor em prol da renovação teatral nada devem a detractores. É, aliás, noutra ainda coimbrã *Revista Academica / Publicação Mensal, Literaria e Scientifica* que Torres e Almeida, no ano da morte, reforça a nota, ao acusá-lo de ter adormecido «*á sombra dos louros colhidos, por entre salvas de freneticos aplausos, com o Fr. Luiz de Souza, com o Alfageme e com o aut ode Gil Vicente; e hoje é visconde e par do reino...*» (n.º 3, Fevereiro de 1854, p. 60).

No domínio da poesia, houve para com ele atitudes intrigantes: ausente dos fascículos e colecções de poesias inéditas, sobretudo portuenses, não se diria benquistos. *A Lyra da Mocidade / Jornal de Poesia Inéditas* (Porto, 1849) era dedicada a Herculano, «ornamento da Literatura Portuguesa»; *O Novo Trovador / Collecção de Poesia Contemporaneas* (Coimbra [1851-], 1856) vem, já, «Dedicada Á Memoria de Almeida Garret, homenagem saudosa». No âmbito da polémica sobre *D. Jaime ou a Dominação de Castela*, A. César da Silva Mattos não deixará de lançar confusão momentânea em 1862 (*Archivo Pittoresco*, pp. 218-220): «*Há dois poetas que no presente seculo merecem fazer epocha na historia da nossa litteratura poetica – Garret e [Tomás] Ribeiro*».

Nos antípodas deste grupo (estranha-se que não fosse o par Castilho-Ribeiro), Teófilo Braga, no *Parnaso Portuguez Moderno* (Lisboa, 1877), remonta ao processo elmanista para verberar

► O sr. Garrett [...] é uma fisionomia que pertence completamente à nova literatura; é incontestavelmente o seu chefe, e o seu modelo.

Raro pressentimento do talento! No próprio *Catão*, o poeta apenas bafeja de perto a velha escola: o seu *elmanismo* já se ostenta grave e viril em muitos trechos: o Catão morre invocando a filosofia, sem a casar absurdamente com as rançosas apóstrofes da velha mitologia!

Um espirituoso *folhetinista* disse do sr. Garrett que não era um literato, era uma literatura: nós diremos mais, não é um homem, é uma nacionalidade que ressuscita.

A sua iniciativa literária parte de um grande pensamento – ele, ou de instinto, ou de ciência certa, abraça todos os géneros, para os temperar nas águas do moderno Jordão, para os baptizar nas verdades do novo dogma, sem os contrafazer na imitação servil do estrangeiro. Na *Adozinda* tenta o rimance popular, e é um mimoso trovador; na *D. Branca*, e no *Camões*, inventa o poema da actualidade, dando-lhe um cunho, uma individualidade toda portuguesa. No *Auto de Gil Vicente* abre as portas ao teatro nacional e cria o drama, perfeitamente desligado de estranhas inovações. [...] O *Frei Luís de Sousa* é de certo o mais belo florão da sua coroa literária. A tragédia moderna há-de inspirar-se dessa magnífica obra, se quiser atingir à composição elementar dos caracteres, às paixões normais da natureza humana.

A. P. Lopes de Mendonça *Ensaios de Crítica e Literatura*, 1849, pp. 35-37.

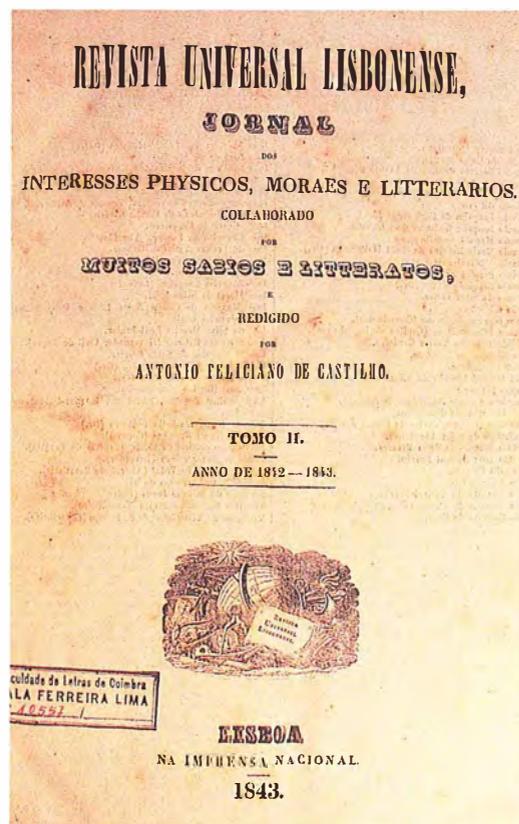
castilianismos e privilegia o mestre filintista com oito composições das *Folhas Caídas*; menos significativo é encontrá-lo retranscrito aqui e ali ou na salada camiliana do *Cancioneiro Alegre de Poetas Portugueses e Brasileiros* (Porto, 1879).

Atenção demorada beneficia *O Arco de Sant'Ana*, por Oliveira Marreca, n' *A Revolução de Setembro* (n.º 1 204, 8-IV-1845), e cinco longas partes entusiásticas de Latino Coelho n' *A Semana*, viu-se, em que Garrett colaborava. Face ao 2º volume, de 1850, um devoto como António Pedro Lopes de Mendonça, refundindo os *Ensaio de Crítica e Litteratura* (1849) em *Memórias de Litteratura Contemporanea* (1855, p. 95), lamentava, em surdina: «Não quizeramos que o sr. visconde de Almeida Garrett fosse abundante, segundo as prescrições do romance de contrabando, do romance-folhetim. A litteratura, para homens da sua valia, é um culto, um sacerdocio, não póde, nem deve ser uma industria».

Nem sequer um «folhetim espirituoso» (p. 150), como, à falta de verdadeiro romance histórico, avançava Latino Coelho. Mendonça ainda contrabandeava, nesse ano, *Memórias de Um Doido*, na *Revista Universal Lisbonense*, tão devedoras da soltura do verbo garrettiano. Mas, à luz de uma contestação gradual que virava do foro pessoal ao literário – quando, na Regeneração, as paixões políticas amainavam –, pergunto-me que *continuidade* poderia oferecer tal explorador, mal saído de cada uma das fecundas nascentes que deixava correndo.

Assim, desde os anos 20, no romanceiro. Mendes Leal colocará a *Revista Peninsular*¹⁴ sob a égide, e gravura, do Autor do *Bernal Francês*, retomado n' *A Ilustração* (desde o n.º 2, II, 10-V-1845, pp. 22-23), em que, após versão castelhana deste romance, por Isidoro Gil, apelava ao «*nútuo auxilio no grande e sancto impenho de regenerar a nossa península, a nossa commum patria hespanhola, [...]*» (n.º 4, II, 12-VI-1845, p. 60). Nada, pois, mais justo.

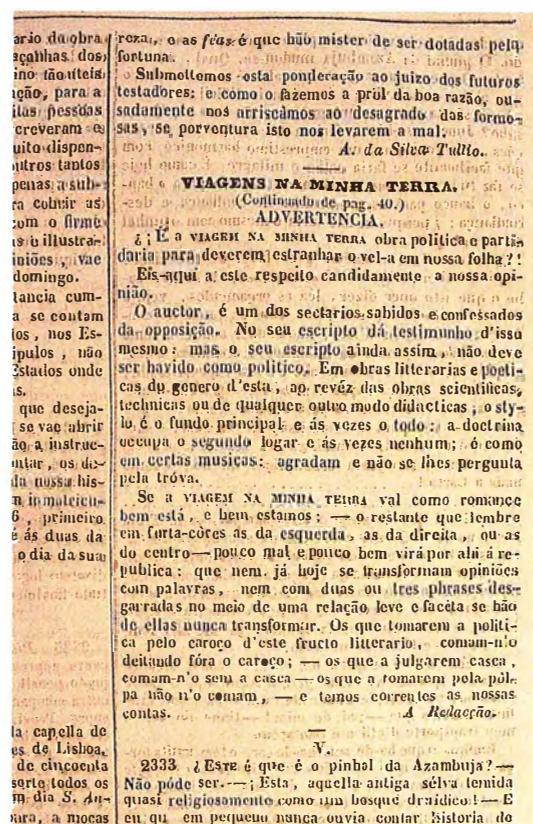
Revista Universal Lisbonense, *Jornal dos Interesses Physicos, Moraes e Litterarios*, nº 14, de 23-XI-1843. Folha de rosto e «Advertência» d' A Redacção que precede o capitulo V das «Viagens na Minha Terra». Lisboa, Imprensa Nacional, 1843. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Fotografia de Isabel Rochinha.



Relembrado em Abril de 1864, na *Revista Contemporânea de Portugal e Brazil*¹⁵, como «*symbolo para a geração presente*» – ao lado de Herculano –, reassume pioneirismo em Oliveira Martins, que abre o n.º 2 e último da *Revista Critica de Litteratura Moderna* (Porto, 1868-1869; p. 4) com elogio àquele:

«*Creou um theatro nacional, remodelou a poesia, escavou a mina das tradições e lendas populares, fundou – nas Viagens principalmente – o folhetim; [...]*».

Theatro, poesia, romanceiro, folhetim – duplamente folhetim, segundo a minha proposta tipológica de 1998: folhetim-crónica e romanesco. Francisco Leite Bastos terá querido dizer isso, quando viu «*os traços mais notáveis do*



género» folhetinesco nas *Viagens*...¹⁶ Santos Nazaré, aos 18 anos e já na «*Revista da Semana*» da *Gazeta de Portugal* (1-VI-1867), acrescentara louvor a demonstração filial, ao considerá-lo «*sempre acima do seu tempo quer na poesia ou no romance, quer no drama ou no folhetim, – que eu tenho cada capítulo das Viagens... por eternos modelos de tal genero de litteratura*». *Discutirei, todavia, em «Garrett, jornalista»*, a primazia no folhetim do nosso cosmopolita leitor.

Do género ao regime, e quando os três grandes eram pó, feche-se com um homem de 70, Joaquim de Araújo, inesperado ao personificar o Romantismo em Garrett e... Castilho¹⁷. A história das parcerias garrettianas anularia o célebre triunvirato dos manuais de literatura.

- ¹ Título de Acúrsio Pereira, em *Comemoração do Primeiro Centenário do Visconde de Almeida Garrett (1854-1954)*, Lisboa, Ministério da Educação Nacional, 1959, pp. 337-358. Já fora, sem virgula, de Henrique de C. Ferreira Lima, no *Jornal do Commercio e das Colónias*, Maio de 1926 (n.º 21 674 e seguintes). Exige-se, porém, outro enquadramento e mais larga atenção ao título em epígrafe.
- ² J. M. Latino Coelho, «Crítica litteraria. // O Arco de Sanct'Anna / Chronica Portuense», in *A Semana / Jornal Litteraria e Instructivo*, Lisboa, Janeiro de 1850, p. 105.
- ³ 2ª edição, revista e ampliada, Lisboa, Livraria Bertrand, 1952, pp. 187-191. Quanto ao naturalmente citado Ramalho Ortigão, some-se rememoração em *Arte Portuguesa / Revista de Archeologia e Arte Moderna*, Lisboa, n.º 2, Fevereiro de 1895, pp. 26-28. *A Ilustração Moderna / Publicação Quinzenal*, Porto, 1-VIII-1898, já *Revista de Litteratura e Arte*, nos números 4 e 5, comporta, em Maio de 1902, homenagem de nomes cimeiros a Garrett. Seria o primeiro incêndio para alguns fogachos, que, ao parecer, se iluminam raramente durante um século.
- ⁴ «Viagens na Minha Terra», in *Deste Mundo e do Outro*, Lisboa, Editora Arcádia, 1971, pp. 48-50.
- ⁵ No prefácio à 6ª edição, Lisboa, Moraes, 1978, Mário Dionísio lembra o digressivo Garrett.
- ⁶ Sv. «Emanismo» e «Filintismo», em Helena Carvalhão Buescu, org., *Dicionário do Romantismo Literário Português*, Lisboa, Editorial Caminho, 1997.
- ⁷ Ver «Jornaes com o título "Garrett"», in *Almeida Garrett / Boletim da Sociedade Litteraria «Almeida Garrett»*, n.º 3, Lisboa, Julho de 1903, pp. 17-18. Em *Mágico Folhetim. Literatura e Jornalismo em Portugal*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 122 (sobre as *Viagens...* cf pp. 294-299), assinala o primeiro Garrett / *Periodico Quinzenal Litterario, Biographico e Artistico* (Lisboa, 1-XI-1867, quatro números de 12 páginas cada e quatro retratos), dirigido por José César da Costa Noronha, colaborado por Júlio César Machado ou Rebelo da Silva, seus profundos admiradores. Deste, leia-se aquele excelente artigo «A Eschola Moderna // O sr. Garrett», no n.º 7 e seguintes d'*A Epoca / Jornal de Industria, Sciencias, Litteratura, e Bellas-Artes* (Lisboa, Junho de 1848-1849).
- ⁸ Para estes, e outra Imprensa estrangeira, cf Francisco Gomes de Amorim, *Garrett. Memórias Biographicas*, tomo I, Lisboa, Imprensa Nacional, 1881, *passim*.
- ⁹ A carta «Da Propriedade Litteraria e da recente convenção com França. Ao Visconde d'Almeida Garrett» passa d'*O País* (1851) aos *Opúsculos*, II, 1872, agora com um apêndice. Dois anos antes, Cândido de Figueiredo analisara a questão em «Portugal e o Brasil (Da propriedade litteraria)», in *A Folha*, 2ª série, n.º 2, 1870, e, também contra Herculano, Pinheiro Chagas secundava com *A Propriedade Litteraria*, Porto/Braga, 1879. De facto, o projecto de lei sobre a propriedade litteraria e artistica é apresentado por Garrett na Câmara dos Deputados em sessão de 18-V-1839, podendo-se acompanhar o *dossier* em *Obras de Almeida Garrett*, volume I, Porto, Lello & Irmão – Editores, s. d. [1963], p. 1210 [aqui, erradamente, 1838]-1227.
- ¹⁰ Mensal, Londres, Outubro de 1824-Novembro de 1826. Inocêncio Francisco da Silva, *Diccionario...*, t. VII, 1862, p. 19, redu-lo a 1824-1825. Um dos putativos directores, José Ferreira Borges (o outro seria Silva Carvalho), vem recensado na sequência.
- ¹¹ Di-lo-á a *Revista Litteraria / Periodico de Litteratura, Philosophia, Viagens, Sciencias, e Bellas-Artes* (quinzenário, Porto, 15-VII-1838, pp.12-20): «Seu poema é um pouco esteril em pormenores. [...] peca essencialmente por falta d'invenção e de interesse e logo que no 2º canto se



passa a scena do enterramento, sublime scena na verdade, parece que o romance devia de acabar de todo.» (p. 14). Nota, porém, «bellezas de primeira ordem», como «a elegancia de poesia, a sublimidade dos pensamentos, muita riqueza de descripções, e caracteres, em que há verdade e elevação de desenhos» (p. 16).

¹² *Revista Universal Lisbonense*, tomo 2, n.º 7, 24-II-1842, p. 83.

¹³ *A Ilustração / Jornal Universal*, Lisboa, vol. II, n.º 4, II, 11-VII-1846, p. 57.

¹⁴ Mensal, Lisboa, 15-IX-1855/15-VIII-1857, 24 números.

¹⁵ Mensal, Lisboa, 1-IV-1859/Março de 1865.

¹⁶ «Carta-Folhetim», *O Seculo das Luzes / Folha Politica, Litteraria e Noticiosa*, Lisboa, n.º 1, 20-VIII-1866.

¹⁷ Na introdução d'*A Renascença / Órgão dos Trabalhos da Geração Moderna*, Porto, 1878-1879.

Com Garrett inaugura-se uma espécie de *marketing* literário, em que o redactor é o primeiro interessado: «O sr. Garrett é um grande poeta, excellent prosador, largamente versado nos negócios públicos, orador distinctissimo, magistrado probo, e um perfeito cavalheiro: teve porém a desgraça de nascer em Portugal...». Fotografia de Isabel Rochinha.